

Por quem os livros dobram?

(Esse artigo foi publicado no jornal O POVO em 28 de março de 2020)

É fim de madrugada. A linha que separa o mar e o céu, lá longe onde a terra quebra, sustenta nuvens que saem de dentro do infinito. O sol matinal se anuncia um tanto apressado, como quem foge pela janela da amante. O frescor do vento alisa meus cabelos feito mãos de noiva na véspera. O cheiro de maresia à tarde me embriaga de paz, tal colo de mãe, dilatando meu sorriso Kolynos (Ah!). O som da maré é meu mantra preferido. Abro os olhos. O dégradé da noite revela-me amores esquecidos, enquanto jangadas solitárias espreitam, em vigília, a enseada violentada pelo neon dos bares do Mucuripe. Ora direis, Augusto Pontes: “Vida, vento, leva-me daqui”!

Caminho pés na areia, encontro o casal de alemães e sua sacola de “mercantil” cheia do lixo deixado na praia pelos contumazes. Mais à frente, mestre Santiago me espera para uma prosa em sua jangada. Suas velas, prontas para o take off, explodem ao vento como a felicidade dentro de mim. De longe, mestre Santiago já me aponta para seu amigo Manolin: lá vem o professor! Fico impressionado com seu vigor ao levantar os troncos que rolam a jangada até o mar. Quanta coragem nos 5, 10, 40 km mar adentro! E quando a velhice não mais lhe permitir o peixe nosso de cada dia?

Mestre Santiago tem em grande conta todo professor, doutor, esse pessoal formado, que estuda, vive lendo... no palavreado dele. E nos elogia tanto que chego a ter “pena de nós”. Não imagina que nós, “esse pessoal que estuda”, não temos um “mirréis” da sua coragem diária, que nós, sociedade letrada, somos vaidosos, egoístas e solidários... nas pandemias quando nos atinge. Que a nossa Escola tem falhado em mudar esta sociedade. Pior, e esse “pessoal que vive lendo” que dá legitimidade.

Decidi contar ao mestre Santiago que nós, “esse pessoal formado”, não somos bem quem “o imperador do Japão referenciaria”. Falhamos e não temos a humildade de reconhecer, a não ser que o mundo pare... IMPENSÁVEL!

Corri manhã seguinte ao seu encalço. Mas ... vejam só, bem ali...! Uma multidão, agitada feito pinguins ansiosos, aguardava esperançosa seu barco que teimava em não chegar. Quis chorar a perda do mestre Santiago, mas me pareceu banal.

Prometi-lhe, então, algo digno de sua saga no mar, ... sol cegante, feridas nas mãos, na luta diária contra Marlim. Prometi-me dizer aos meus alunos, em toda aula, que uma “Escola que é reflexo da sociedade não serve a ela,... nem pra ela” (In Escola Pra Valer).

Quem sabe um dia a sociedade perceberá que o pescador e o homem simples que recolhe o nosso lixo são tão importantes quanto os artistas famosos e jogadores de futebol... e tomarão seus lugares nos noticiários da TV. Opa!

Mauro Oliveira

Professor